



Código Florestal: mais um passo

Os agricultores brasileiros, de pequeno, médio ou grande porte, dedicam muito tempo para tentar entender as leis, decretos, portarias e resoluções que regulam, e ou interferem no cotidiano de suas atividades produtivas. Quando o que está em jogo é a conformidade com a legislação ambiental, a angústia é ainda maior, dada a subjetividade e a superficialidade que sempre marcaram o tom das discussões.

O debate sobre o Código Florestal não fugiu à regra. O tema, sedutor, atraiu a atenção de muitos, e supostos especialistas surgiram aos milhares, criando regras e impondo soluções românticas. A produção de alimentos, energia e fibras para uma demanda crescente não apenas foi retirada do centro das discussões, como também ao setor produtivo foram imputadas todas as mazelas, e o produtor rural criminalizado e marginalizado.

Do que se alimenta essa percepção negativa de importante parcela da sociedade sobre o setor agropecuário no Brasil?

Com mais de 60% da cobertura vegetal nativa preservada; com áreas de proteção ambiental estabelecidas em âmbito municipal, estadual e federal; com terras indígenas demarcadas; com áreas quilombolas e assentamentos rurais legalizados; com boas práticas de produção agropecuária implementadas; com extraordinária competência na geração de agroenergia; este gigante faz com que povos ao redor do globo cada vez mais o admirem como exemplo. Estes e outros predicados e

atributos ligados à sustentabilidade, condição primeira para a desejável segurança alimentar e energética, no entanto, não encontram ressonância na sociedade brasileira.

Essa desinformação vem permitindo que uma questão de extrema relevância para o país, como a definição do Novo Código Florestal brasileiro, não esteja recebendo a devida atenção da sociedade brasileira, que a percebe apenas como uma batalha ideológica polarizada, com ambientalistas de um lado e ruralistas de outro.

O futuro que realmente queremos merece uma discussão mais profunda, e para que de fato sejamos capazes de construir um porvir melhor, é preciso que todos e cada um façam a sua parte. Comprometimento e seriedade na discussão.

A aprovação da Lei 12.651 de 25/05/2012, que instituiu o Novo Código Florestal foi mais um importante passo, de uma longa caminhada que ainda resta. Cabe o reconhecimento ao belo trabalho realizado pela Frente Parlamentar da Agropecuária, pelos relatores, pelas cooperativas, associações e sindicatos.

O texto, apesar de ter trazido avanços consideráveis, ainda não contemplou a segurança jurídica necessária para oferecer ao agronegócio brasileiro o porto seguro para alavancar investimentos. Há que se brindar a revogação de um emaranhado jurídico envolvendo o tema, mas é objeto de apreensão, entre outros, a “principiologia” adicionada no Artigo 1º, uma vez que poderá

alterar a forma de aplicabilidade da lei com base em discricionariedade.

Uma nova rodada de discussões foi aberta com os vetos e alterações publicadas na MP 571. A Comissão Mista criada para o encaminhamento da votação da referida medida provisória, que deverá acontecer até 22 de setembro, recebeu no prazo regulamentar nada menos do que 690 emendas.

É evidente que essas negociações poderão promover alterações no texto aprovado. É importante, portanto, que os produtores não apenas participem ativamente desse processo, individualmente, ou por meio de suas organizações privadas, como também que aguardem as definições do texto final antes de efetuar alguma ação de adequação ambiental em suas propriedades. Atenção aos prazos, informação, prudência e paciência são essenciais.

Vencida a etapa na esfera federal, caberá aos estados oferecer mecanismos para a regularização ambiental de seus territórios. Em São Paulo a Secretaria de Agricultura e Abastecimento e a Secretaria de Meio Ambiente já iniciaram um trabalho conjunto para oferecer aos produtores rurais alternativas que levem à sonhada segurança jurídica.

Maiores serão os avanços quando a sociedade estiver bem informada sobre a realidade do que está sendo discutido. Melhores serão os resultados com engajamento, transparência, ciência e bom senso.

Mônika Bergamaschi
Secretária de Agricultura e Abastecimento de São Paulo

PROGRAMA EDUCACIONAL “AGRONEGÓCIO NA ESCOLA”

PRAZER EM APRENDER!

Junho foi o mês reservado pela ABAG/RP para finalizar a etapa de capacitação dos professores da 12ª edição do Programa Educacional “Agronegócio na Escola”. Hora de sair dos muros das escolas para conhecer indústrias, usinas e fazendas e ver como os conceitos ensinados em sala de aula aparecem no dia a dia do agronegócio. Foram 3 roteiros, 5 visitas diferentes, 65 professores de 75 escolas de 25 cidades da região de Ribeirão Preto.

Contextualizar, trabalhar interdisciplinarmente, vivenciar o aprendizado... Cada um costuma classificar de forma diferente o modelo escolhido pela ABAG/RP para apresentar o agronegócio aos professores. O certo é que propiciar que as diversas áreas do conhecimento vislumbrem juntas este setor resulta em aprender muito mais do que aprender.

No primeiro dia de visitas uma mistura de campo e cidade, de plantação e indústria. O dia começou na Usina São Martinho, em Pradópolis/SP, mais precisamente no viveiro de mudas que há mais de 12 anos tem sido usado para reflorestar as suas áreas de preservação permanente, com mais de 1 milhão de mudas já plantadas. Nos canaviais, a colheita mecanizada impressionou pelo tamanho e capacidade das máquinas, além da simplicidade de quem as opera. Muitos são ex-cortadores de cana que receberam capacitação e hoje enfrentam novos desafios como operadores de colhedoras embarcadas com alta tecnologia. No período da tarde com a visita à unidade industrial da Santal Equipamentos, em Ribeirão Preto/SP, os professores puderam conhecer o processo de produção da colhedora de cana-de-açúcar e do transbordo que viram no campo, desde a concepção do projeto até o produto pronto, passando pela linha de produção.

No segundo dia, a indústria foi destaque na Usina Batatais, em Batatais/SP, onde os professores tiveram o privilégio de visualizar o funcionamento das ensacadeiras para o enchimento e

fechamento dos big bags com o açúcar bruto, pronto para exportação. O início da tarde foi marcado por uma prosa agradável e um café de altíssima qualidade na Fazenda Bom Jesus, do Grupo Labareda Agropecuária, em Cristais Paulista/SP. Nos cafezais, a professora de ciências Laila Geraigire de Paula Ribeiro da EMEF Vereador José Delibo de Ribeirão Preto/SP, conheceu a colheita mecanizada e manual. No terreiro, a secagem parecia sair dos livros de história, contou ela, mas nos equipamentos da fazenda viase a modernidade. Foi uma mistura de passado e presente que servirá como linha mestra de suas aulas.

No terceiro dia, a surpresa veio do grupo dos professores participantes. Juliana Cristina Terra de Souza, professora de história da EMEB Dra. Rita Schilther de Mattos de Monte Alto/SP, relatou que já participara como aluna da primeira turma do então projeto piloto do Programa Educacional “Agronegócio na Escola”, em 2001, quando visitou a Usina São Martinho e a Coplana, Cooperativa Agroindustrial, em Jaboticabal/SP. Da usina lembrava claramente que a mecanização não chegava a 70%, e, da Coplana, a recordação era da central de recebimento de embalagens vazias de agroquímicos. Onze anos depois e o mesmo roteiro de visita, a colheita mecanizada já passa de 90% e o foco da mensagem da Cooperativa foi para o amendoim e sua convivência pacífica com a cultura da cana-de-açúcar na região. Apesar das mudanças, a lição da importância de se valorizar o Brasil e sua agricultura foi reforçada e agora, a professora Juliana pretende retransmiti-la, provocando em seus alunos a reflexão sobre o papel do país na produção de alimentos.

O prazer de aprender para ensinar dos professores pode ser comparado ao prazer das empresas em abrir suas portas para a educação. Portas que continuam abertas e prontas para receber esses mesmos professores, só que acompanhados de seus alunos. Essa lição acontece no segundo semestre.



Entre os educadores que visitaram a Usina São Martinho, uma ex-aluna do “Agronegócio na Escola”, agora, professora de história



Na Santal o foco da visita foi a produção industrial, do projeto ao produto final



Na colheita mecanizada de cana-de-açúcar, na Usina Batatais, questionamentos sobre o emprego no campo



Para muitos professores entrar num cafezal foi reviver a história da região



Na Coplana em Guariba a visita mostrou a perfeita sintonia entre a produção de alimentos e energia, ou seja amendoim e cana-de-açúcar

Jornada pelo conhecimento

A segunda etapa das atividades da 5ª edição do Prêmio ABAG/RP de Jornalismo José Hamilton Ribeiro, categoria Jovem Talento, aconteceu no final do mês de maio com o Seminário “Agronegócio e Sustentabilidade”, realizado na sede do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC); e o Tour Ciência Universitário, estruturado em parceria com a Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef). Ações que buscam aproximar os futuros jornalistas



Mônica Bergamaschi



Antônio Carlos Moreira



Luiz Carlos Corrêa Carvalho

leira no agronegócio vem calcada no respeito ao meio ambiente e, que as próprias ações do setor demonstram isso: uso e geração de energia limpa, plantio direto, reuso de embalagens, biotecnologia tropical, entre outras.

Em sua palestra, a Secretária de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, Mônica Bergamaschi, mostrou que o desenvolvimento e o emprego dessas tecnologias são frutos das pesquisas desenvolvidas pelos cientistas brasileiros nos mais diversos institutos, entre eles o IAC, e enfatizou ainda a importância de sua continuidade para que o Brasil exerça papel de destaque dentro do novo conceito de economia verde.

Em sua palestra, Antônio Carlos Moreira, gerente de comunicação da Andef, falou sobre o papel do jornalista e sua responsabilidade com a informação. Ele mostrou o quanto a abordagem sobre o agronegócio é desfocada na mídia nacional, já que a maioria dos grandes jornais dilui o assunto em diversas editorias.



O grupos de estudantes de jornalismo posa para a foto na Fazenda Santa Elisa, do IAC, em Campinas



Estudantes durante o Tour Ciência Universitário nos laboratórios da Syngenta em Holambra. Outros grupos visitaram a Arysta, Basf, Dow AgroSciences, Ihara e Cana Vialis/Monsanto

No Tour Ciência Universitário, com o objetivo de elucidar temas relacionados ao uso dos agroquímicos, os futuros jornalistas visitaram associadas da Andef na região de Campinas/SP, dentre indústrias, centros de pesquisa, estações experimentais e polos de tecnologia de empresas que atuam diretamente na defesa vegetal e conheceram o rigor científico e legislativo existente para sua pesquisa e produção. Uma experiência marcante que apresentou como esses produtos são desenvolvidos e o quanto são importantes para a agricultura brasileira e mundial.

Mas ainda não acabou!

A próxima etapa das atividades acontecerá em agosto quando os estudantes terão a oportunidade de conhecer as cadeias produtivas do café, da laranja e da cana-de-açúcar, além das 2 unidades da Embrapa em São Carlos/SP. Antes disso, 15 alunos serão selecionados para participar do 11º Congresso Brasileiro de Agronegócio.

Um dos mais concorridos eventos do setor, promovido pela ABAG nacional, que acontecerá no dia 6 de agosto em São Paulo, cujo tema será: “Brasil – Alimentos e Energias – Seguranças Globais”.

“Fiquei surpresa ao descobrir que são necessários, no mínimo, 10 anos de pesquisa para desenvolver um produto que seja capaz de combater os males que afetam as colheitas, mas ao mesmo tempo não interferiram, de maneira alguma, no funcionamento do organismo humano”.

Maíra Brandão –
Universidade Metodista

“Não é sempre que as portas de um mundo desconhecido e tão grandioso como o agronegócio se abrem por vontade daqueles que o movem. (...) Uma grande ideia, uma boa organização, e está aí um prêmio que não apenas premia os melhores, mas ensina aos interessados.”

William Veríssimo -
Unifran

“...Descobri a complexa organização do agronegócio no contexto da economia brasileira, que inclui além do processo tecnológico em si, a demanda crescente de especializações acadêmicas e científicas para que essa engrenagem nunca pare.”

Patricia Faermann -
Universidade Metodista SBC

“Ao participar desta etapa do Prêmio minha visão ficou mais ampla, antes eu pensava em atuar no jornalismo cultural, mas desde a visita à Agrishow estou prestando mais atenção no assunto e enxergando possibilidades de trabalho no setor tanto na área econômica, social quanto tecnológica.”

Paula Monesi – Unesp

Energia que vem da cana: 25 anos de cogeração

O ano era 1987, em pleno Proálcool, momento considerado pelos agentes que viveram essa história como de normalidade no setor, ainda controlado pelo governo. Enquanto o preço do petróleo caía, os custos de produção do álcool nas usinas subiam e os incentivos do governo a esse combustível diminuavam. A crise de abastecimento viria dois anos depois, porém o empreendedorismo e a visão de futuro fizeram com que três usinas da região de Ribeirão Preto/SP encontrassem uma alternativa e ainda obtivessem lucro com mais um subproduto da cana-de-açúcar: a energia elétrica. Iniciava a era da energia da biomassa no Brasil.

A comemoração pelos “25 anos de Bioeletricidade no Brasil” aconteceu na Usina São Francisco, em Sertãozinho/SP, a primeira a comercializar um pequeno excedente de energia elétrica para a Companhia Paulista de Força e Luz, então estatal. Os homenageados foram os pioneiros das três usinas paulistas que fizeram as primeiras cogerações de energia a partir do bagaço de cana: Jairo Menesis Balbo, diretor industrial da São Francisco; Agenor Pavan (in memoriam), ex-diretor industrial da São Martinho, representado por seu filho, Agenor Pavan Filho; e Cícero Junqueira Franco, ex-presidente da Vale do Rosário, um dos pais do Programa Nacional do Alcool.

Segundo Jairo Balbo, há dois anos, com um investimento de R\$ 65 milhões no projeto de bioenergia, a Usina São Francisco passou a gerar 22 MWh de energia, dos quais 15 MWh são comercializados, parte com a CPFL e parte no mercado livre. Entretanto, apesar de atualmente cerca de 80 usinas comercializarem seu excedente de

Na caldeira da Usina São Francisco, em Sertãozinho, a queima do bagaço da cana-de-açúcar gera 22MWh de energia



energia, os preços não remuneradores e a dificuldade em fazer contratos de médio e longo prazo, não estimulam outras unidades a investirem em cogeração: “Apenas 20% das 440 usinas brasileiras exportam energia, pois o valor pago pela energia da biomassa não remunera o investimento nas térmicas. Seria preciso um leilão em separado, como acontece com a eólica, para que esta energia renovável, brasileira e não poluente consiga bom preço e cresça o que deve crescer para que o Brasil se destaque ainda mais com sua energia limpa”, complementa.

A bioenergia tem seu pico de geração durante a safra de cana-de-açúcar no centro sul do Brasil, de maio a novembro, exatamente no período de seca, quando a energia das hidrelétricas pode sofrer queda significativa. Hoje está em terceiro lugar na geração de energia, atrás de gás e hidroeletricidade, o que demonstra a importância do setor sucroenergético para o país, lembrou o secretário de Energia Elétrica do Ministério de Minas e Energia, Ildo Wilson Grudtner, que

representou o ministro Edison Lobão na comemoração.

O potencial para a bioeletricidade da cana no Brasil é muito grande, graças às novas tecnologias e ao subaproveitamento que o país ainda faz dessa fonte, disse no evento o gerente de Bioeletricidade da Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar), Zilmar de Souza: “Temos condições de atingir 15.300 MW médios até 2020. O que equivale a mais de três vezes o que a usina Belo Monte poderá produzir,” afirmou.

Essa bioenergia brasileira é reconhecida internacionalmente. A da cana-de-açúcar, em especial, já ocupa lugar de destaque, pois a planta em seu ciclo de crescimento neutraliza a emissão de gases do efeito estufa. O projeto de cogeração do Grupo Balbo, por exemplo, participa do MDL, Mecanismo de Desenvolvimento Limpo do Protocolo de Kyoto, o que propiciou a comercialização de créditos de carbono referentes a 111 mil toneladas - volume de emissões evitadas entre 2002 e 2007.